

EQUIVALÊNCIAS – MELANCOLIA E ÊXTASE EM “*ENIVREZ-VOUS*” DE CHARLES BAUDELAIRE E “VINHO” DE CECÍLIA MEIRELES

Márcia Eliza PIRES*

RESUMO: O eu lírico ceciliano, assim como o eu lírico baudelairiano, encontra-se em estado de êxtase à medida que expande sua capacidade criadora. Os dados da exterioridade encontram-se a serviço da inventividade, uma vez que são captados pelo olhar daquele que decifra e cria – o artista. O repúdio à visão limitante e comum, bem como a melancolia impulsionam a resposta à realidade desprovida de qualquer inspiração. Essa resposta encontra-se presente nos poemas “Vinho” e “*Enivrez-vous*” – respectivamente encontrados em *Viagem* (1939) e *Spleen de Paris* (1869). O alcance do êxtase é impulsionado por meio do artifício: no contexto dos poemas, o vinho instaura uma apreensão singular acerca das coisas. Sob o efeito do álcool, o sujeito poético de Cecília Meireles e o eu lírico de Charles Baudelaire rendem-se a elucubrações capazes de revelar a complexa natureza de suas individualidades – naturezas essas calcadas pela inquietação desconcertante perante a própria existência e pela melancolia. Na proporção de suas idiossincrasias, ambos os sujeitos poéticos tecem profundas reflexões sobre o tempo, os questionamentos existenciais e celebram – ao servir-se do vinho, uma espécie de paradoxal lucidez desesperada. Para não se tornarem “escravos martirizados do tempo” (BAUDELAIRE, p.128), o eu lírico baudelairiano sugere render-se ao estado de embriaguez e, de sua parte, o sujeito poético ceciliano aquiesce a esse conselho – mostrando conformidade às mais variadas condições anímicas e psíquicas que o êxtase poético propicia.

PALAVRAS-CHAVE: Cecília Meireles. Charles Baudelaire. Embriaguez. Poesia.

Cecília Meireles (1901-1964) iniciou sua atividade poética em 1919, com a publicação de *Espectros*¹ – produção com influência simbolista e, sobretudo,

* UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Assis – SP – Brasil. 19806-900 - melizap.mon@gmail.com

¹ Confira Meireles (2001).

parnasiana. Por colaborar com a revista *Festa*, mantém proximidade com o grupo de Andrade Muricy, Tasso da Silveira, Murilo Araújo, Barreto Filho e Brasília Itiberê. Identifica-se com esses intelectuais no que diz respeito à ideia de renovação das letras, sem esquecer os valores literários antecedentes. Referente a essa ligação com o grupo de Festa, observa Margarida Maia Gouveia (2002, p.101): “Cecília transgride os padrões em que se filiava o fazer poético de *Festa*, pela sua religiosidade cósmica e imanentista [...], experimentando o divino na convivência com os seres criados, longe, pois, da mística de total transcendência que atraía Tasso.”

Em relação a muitos valores que fundamentam o fazer poético, Cecília Meireles diverge dos demais integrantes de *Festa*, especialmente quanto à investigação da natureza humana em sua total integridade. Em consonância, inclusive, com os preceitos simbolistas, na sua poesia as existências mostram-se interdependentes e, em extensão umas com as outras, são evocações simbólicas para o mistério do “motor do Universo” (SCHOPENHAUER apud GOMES, 1985, p.13).

Cecília Meireles é uma escritora cuja produção estabelece correspondência com diversificadas vozes literárias. Em sua obra, encontram-se ressonâncias simbolistas no que tange à valorização do tom altamente sugestivo, impreciso e penumbroso. Assim, como os poetas simbolistas, a escritora faz uso da linguagem simbólica e musical, daquela capaz de indicar, de forma evocativa, as impressões e o estado de espírito de um eu lírico inconstante e inquieto. No Simbolismo, é fulcral a tensão entre os valores da interioridade e a pobreza de ideias ocasionada pela trivialidade da realidade imediata. Como aponta Edmund Wilson (2004, p.96) em *O castelo de Axel*: “É o objetivo e triunfo do poeta simbolista fazer com que as estabilidades do mundo exterior respondam à variável apreensão que o indivíduo delas tem.” Como a dinâmica do universo interior se apresenta diversa, complexa e cambiante, Cecília Meireles busca a expressão que suscita a confluência e a voragem das sensações da esfera subjetiva.

A supremacia da expressão do “eu”, cujo discurso tantas vezes se profere por meio da cumplicidade entre o humano e o natural, aproxima a produção da poetisa da estética romântica. O sujeito poético ceciliano recusa subordinar-se às mezinhas preocupações cotidianas, adotando um comportamento em proveito dos assuntos voltados à problematização do “estar no mundo”. Como exemplo, observemos o poema “Sugestão” – texto presente na obra *Mar absoluto e outros poemas* (1945):

Sede assim — qualquer coisa
serena, isenta, fiel.

Flor que se cumpre,
sem pergunta.

Onda que se esforça,
por exercício desinteressado.

Lua que envolve igualmente
os noivos abraçados
e os soldados já frios.

Também como este ar da noite:
sussurrante de silêncios,
cheio de nascimentos e pétalas.

Igual à pedra detida,
sustentando seu demorado destino.
E à nuvem, leve e bela,
vivendo de nunca chegar a ser.

À cigarra, queimando-se em música,
ao camelo que mastiga sua longa solidão,
ao pássaro que procura o fim do mundo,
ao boi que vai com inocência para a morte.

Sede assim qualquer coisa
serena, isenta, fiel.

Não como o resto dos homens. (MEIRELES, 1983, p.228).

No poema, o eu lírico expressa uma visão particular a respeito das coisas, bem como grande inquietação frente à noção de casualidade. O verso “Não como o resto dos homens” sintetiza as tentativas de o homem buscar um sentido à existência por meio de representações ilusórias (SCHOPENHAUER, 2000). Irmanando-se à natureza e unificando-se a ela – a flor, a onda, a lua, a pedra, a cigarra, o camelo, o pássaro, o boi – é possível ao eu lírico ceciliano vislumbrar a via capaz de conduzir ao cerne da essência. Vejamos que a condição humana é revelada por formas desde as sublimes às mais simples – o camelo, o boi “[...] nada existe na natureza que não contenha o sentido da natureza inteira e as distinções que aplicamos aos acontecimentos e fatos, considerando-os elevados

ou insignificantes [...] desaparecem, quando tomamos a natureza por símbolo.” (EMERSON apud GOMES, 1985, p.51). Essas formas – devido ao aspecto polivalente e altamente sugestivo que possuem – cumprem o papel de ser extensões do emaranhado de significações às quais a existência humana está irmanada.

Os valores das escolas românticas e simbolistas ressoam na poética de Cecília Meireles de diversas maneiras, dentre elas, pela incessante busca da expressão do sujeito por meio da pluralidade e da mistura de sensações. Assim como no Romantismo e no Simbolismo, o estilo ceciliano exalta o universo subjetivo – estância figurada por lógica própria e, portanto, insubordinada às regras do dado imediato.

A imaginação conduz o olhar do eu lírico ceciliano a apreender os objetos, dos importantes aos mais triviais, a partir dos significados ocultos que evocam. Todo e qualquer elemento fundamenta-se em aspectos que suscitam enigmas, cifras, valores que são pontes para a esfera do ideal, que, inclusive, se encontra no ambiente terreno não se restringindo à esfera do etéreo. Tal aspecto aproxima a produção de Cecília Meireles à poética de Charles Baudelaire (1821-1867).

Se Charles Baudelaire exalta a desarmonia, o “mistério no lixo das metrópoles” (FRIEDRICH, 1978, p.43), Cecília Meireles também revela a inspiração dos aspectos adversos aos cenários excelsos. Entretanto, há que se notar que o tom de Cecília Meireles difere do do poeta francês no que concerne ao prazer de desagradar (FRIEDRICH, 1978). Como ele, Cecília Meireles rompe com o que é familiar e instaura a transgressão por meio de imagens densas e desconcertantes. Mas, isso se dá de maneira mais sutil. Vejamos como exemplo estes versos do poema “Ressurreição”: “E deixei nos meus pés ficar o sol e andarem moscas./ E dos meus dentes escorrer uma lenta saliva” (MEIRELES, 2001, p.277). Observemos que a presença de termos como “moscas”, “lenta saliva” promove certa tonalidade sinistra. Os versos produzem estranheza – noção valorizada pela produção literária moderna. Como herança da produção romântica, a expressividade ceciliana delinea-se por aspectos inusitados. De acordo com os modernos, o belo em Cecília Meireles pode ser cantado de formas diversas, inclusive pelo sinistro.

Assim como Charles Baudelaire, Cecília Meireles repudia o aniquilamento da individualidade em prol da prevalência do progresso econômico e científico, da manutenção de suas leis. Ambos veem-se coagidos pela modernidade (FRIEDRICH, 1978), portanto, para reinventar outra esfera que não dominada pelo pragmatismo e pelos métodos, esses poetas fazem com que o eu lírico de suas obras atinja (e mantenha) o estado de êxtase.

O exercício raciocinado da fantasia é antídoto contra a antipoesia, uma vez que desvenda os objetos do imediato e os transmuta de acordo com a ótica imaginativa. Os recursos artificiais, o vinho, por exemplo, alteram o estado do eu lírico em favor das formas diversas da atividade do espírito. Ao mesmo tempo, o estado de embriaguez conduz à expansão da consciência e da sensibilidade, intensificando o embate consigo mesmo, a inquietação existencial. Aliás, é intrínseco à poesia moderna o questionamento metafísico (BERARDINELLI, 2007).

No intuito de observar como a ebriedade prefigura-se no eu lírico de cada poeta, estabelecemos uma leitura comparativa entre os poemas “Vinho” (Cecília Meireles) e “*Enivrez-vous*” (Charles Baudelaire). Guardadas as peculiaridades de cada poeta, consideramos que os escritores apresentam como característica o trágico e crucial fastio frente à antipoesia impingida pelo imediato. Dessa maneira, ambos têm em comum o anseio por transpor o circunstancial única e exclusivamente subordinado às urgências utilitaristas do mundo exterior. A ordem da transfiguração poética é esfera à qual se adequam, pois nela prevalecem os frutos da inventividade.

O poema “Vinho” encontra-se na obra *Viagem* de 1939, produção que marca a maturidade poética de Cecília Meireles². Assim como nos livros subsequentes, *Vaga música* (1942), *Mar absoluto e outros poemas* (1945) e *Retrato natural* (1949)³, notamos intensa expressão do eu lírico por meio do estabelecimento do diálogo. Parece essencial ao sujeito poético ceciliano colocar-se diante de um interlocutor – o qual, na maioria das vezes, se representa na figura do pronome “Tu”. Vale observar que, ao longo da obra de Cecília Meireles, esse interlocutor assume numerosas facetas, apresentando-se como objeto construído pela imaginação. A esse propósito assegura Benveniste:

[...] a linguagem se torna em instâncias de discurso, caracterizadas por esse sistema de referências externas internas cuja chave é eu, o que define o indivíduo pela construção linguística particular de que ele se serve quando se enuncia como locutor. (BENVENISTE, 2005, p.281).

² *Viagem*, livro originalmente publicado em 1939 em Portugal, possibilitou a Cecília Meireles o primeiro prêmio concedido pela Academia Brasileira de Letras em 1938. Trata-se de um marco na obra da poetisa que – pelo menos oficialmente – permaneceu sem produzir desde a publicação de *Baladas para El Rei* de 1925. *Viagem* destaca uma fase de amadurecimento, colocando Cecília Meireles na constelação dos representantes da alta literatura brasileira.

³ Confira Meireles (2001).

Já mencionamos que o eu lírico de Cecília Meireles vislumbra os meandros da individualidade quando posto diante da figura do “Tu” – representação criada na intenção, inclusive, do poeta.

Em “Vinho”, pelo fato de a presença do interlocutor sugerir o obscuro, o indefinível, o diálogo com o “Tu” fomenta a criação de esferas associadas ao inabitual, à noção de estranheza. Instaurar essas esferas afronta a coerção, a visão limitante, restrita e prosaica. Concomitante à embriaguez, ao êxtase, a profunda inquietação e angústia se verificam na interlocução com o “Tu”. A questão da alteridade possibilita constatar que o entendimento de si próprio se põe frágil frente a aspectos subitamente revelados, mas, ainda assim, incognoscíveis: “o outro me serve de base para minha verdade” (BARTHES, 1977, p.197)

A leitura comparativa entre “Vinho” e “*Enivrez-vous*” – poema encontrado em *Spleen de Paris ou pequenos poemas em prosa* de Charles Baudelaire (1975) – tem o propósito de apontar traços de correspondência entre esses escritores. Dentre os aspectos observados, consta o fato de o sujeito poético ceciliano – tal qual o sujeito poético baudelaireano – entregar-se ao estado da embriaguez, experimentando todas as sensações da alteração de seu estado de espírito: a percepção ampliada tanto em relação ao dado circundante como na atmosfera da subjetividade.

Para uma melhor visualização do cotejo entre os dois textos, transcrevemos por completo os dois poemas.

“Vinho”

A taça foi brilhante e rara,
mas o vinho de que bebi,
com os meus olhos postos em ti,
era de total amargura.

Desde essa hora antiga e preclara,
insensivelmente desci,
e em meu pensamento senti
o desgosto de ser criatura.

Eu sou de essência etérea e clara:
no entanto, desde que te vi,
como que desapareci...
Rondo triste, à minha procura.

A taça foi brilhante e rara:
mas, com certeza, enlouqueci.
E desse vinho que bebi
se originou minha loucura. (MEIRELES, 2001, p.262)

“*Enivrez-vous*”

Il faut être toujours ivre, tout est là ; c'est l'unique question. Pour ne pas sentir l'horrible fardeau du temps qui brise vos épaules et vous penche vers la terre, il faut vous enivrer sans trêve.

Mais de quoi? De vin, de poésie, ou de vertu à votre guise, mais enivrez-vous!

Et si quelquefois, sur les marches d'un palais, sur l'herbe verte d'un fossé, vous vous réveillez, l'ivresse déjà diminuée ou disparue, demandez au vent, à la vague, à l'étoile, à l'oiseau, à l'horloge; à tout ce qui fuit, à tout ce qui gémit, à tout ce qui roule, à tout ce qui chante, à tout ce qui parle, demandez quelle heure il est. Et le vent, la vague, l'étoile, l'oiseau, l'horloge, vous répondront, il est l'heure de s'enivrer; pour ne pas être les esclaves martyrisés du temps, enivrez-vous, enivrez-vous sans cesse de vin, de poésie, de vertu, à votre guise. (BAUDELAIRE, 1975, p.128).

No poema « Vinho », dentre as elucubrações que a embriaguez suscita, há o confronto com o interlocutor – representado no texto pelo pronome “tu”. Como já mencionamos, a bebida impulsiona o eu lírico a render-se ao estado de alteração em que a percepção se põe aguçada e expandida. Assim, o sujeito poético vê-se refletido no líquido, mas, a contemplação da própria identidade consiste no dilema de sua natureza cindida: parte de si apresenta-se aficionada por aceder à perfeição, enquanto outra parte – ao mesmo tempo oposta e complementar à primeira – lida com as limitações de uma existência desprovida de unidade. O eu lírico ceciliano evoca a tragédia de ver-se representado senão pela incompletude, visto que sua personalidade ora se perde ora se encontra em fragmentos.

Em “*Enivrez-vous*” o discurso fundamentado na interlocução também se faz presente. O eu lírico baudelairiano dirige-se a alguém (possivelmente o próprio leitor), exortando-o a embriagar-se para superar o mesmo sentimento de prostração presente no poema de Cecília Meireles. A construção “para não ser os escravos martirizados do tempo”⁴ está em consonância com “o desgosto

⁴ A tradução do poema é nossa.

de ser criatura” na medida em que Baudelaire e Cecília Meireles sugerem o enfrentamento da coação e da finitude.

A subserviência às convenções cronológicas desencadeia em ambos os sujeitos poéticos a melancolia, uma vez que, sob a condição de “escravos martirizados do tempo” a faculdade da imaginação se encontra aquém das urgências cotidianas. Tais atividades, devido a seu caráter reprodutivo, excluem o exercício da imaginação. Em Cecília Meireles a expressão “o desgosto de ser criatura” sugere a inconformidade do sujeito poético diante do unívoco de ser fruto da criação e não exercer o papel daquele que cria. Sobre a criação e sua importância ao indivíduo assevera Erich Fromm (1991, p.66):

[...] uma das necessidades mais básicas do homem, com raiz no fato de sua consciência de si mesmo, no fato de não se satisfazer com o papel de criatura, de não poder aceitar-se como um dado lançado do copo. Ele necessita sentir-se como criador, como alguém que transcende o papel passivo de ser criado.

Por sua vez, o criador apresenta maior intimidade com o que é perecível, ao passo que o termo “criatura” suscita uma existência à mercê do tempo de frágil durabilidade. A melancolia é, sobretudo, “uma experiência existencial” (SCLIAR, 2003, p.58) e, nesse sentido, o eu lírico ceciliano demonstra as inquietações do indivíduo submerso nos dilemas quanto à natureza do ser.

Os efeitos do vinho estão relacionados com a maneira que o eu lírico de cada poeta percebe e interage com os dados da exterioridade. O sujeito poético baudelaireano recorre à bebida na intenção de alcançar a transcendência das significações lavadas pela esterilidade: trata-se dos objetos subjugados pelo domínio das urgências práticas, destituídas de qualquer sentido que evoque a poesia. A expansão do espírito advoga contra “o horrível fardo do tempo” contra a aniquilação acarretada pela morte que, por sua vez, é consequência da submissão do homem à linearidade cronológica. Assim, a mente em plenitude faz com que a percepção se insubordine ao pragmatismo em favor da recriação de toda e qualquer existência.

Os elementos pertencentes ao natural também são interlocutores, cúmplices da prevalência da embriaguez:

[...] demandez au vent, à la vague, à l'étoile, à l'oiseau, à l'horloge; à tout ce qui fuit, à tout ce qui gémit, à tout ce qui roule, à tout ce qui chante, à tout ce qui

parle, demandez quelle heure il est. Et le vent, la vague, l'étoile, l'oiseau, l'horloge, vous répondront, il est l'heure de s'enivrer. (BAUDELAIRE, 1975, p.128)⁵.

O vento, a vaga, a estrela, o pássaro presidem o tempo. Sua substância é estruturada por aquilo “que foge”, “que geme”, por elementos que se associam ao dinamismo. Tal dinamismo converge para o poder transfigurador da palavra, para o “movimento linguístico criador” (BACHELARD, 1990, p.06). O tempo da funcionalidade é superado pelas horas que alertam sobre a premência do estado de embriaguez e de êxtase. Trata-se da supremacia do tempo poético sobre o ordinário à mercê das determinações comuns. O aspecto natural vincula-se à condição ébria e, assim sendo, o estado de espírito caracteriza-se pela volatilidade e pela ascensão.

Em “Vinho”, o clássico binômio “essência *versus* aparência” é um dos temas abordados. Essa questão é colocada a partir da oposição entre “taça” (o invólucro) e “vinho” (o conteúdo). Enquanto o recipiente é “brilhante”, o efeito da bebida provoca a sensação de “amargura”. Por sua vez, tal sentimento é fomentado pelo reflexo do “tu” contemplado na bebida. Dessa forma, a impressão agradável da aparência é rompida pelo álcool que atua como ponte para o acesso ao interlocutor. A combinação entre eu, vinho e “tu” faz conhecer uma parte do eu lírico que, ao que se sugere, se encontrava ignorada.

Com o verso “Eu sou de essência etérea e clara”, o sujeito poético retoma a aspiração pelo equilíbrio. A imaterialidade (“essência etérea”) é capaz de suscitar o inexprimível. Contudo, os versos “no entanto, desde que te vi,/ como que desapareci...” promovem novamente o contato com a porção efêmera. É assim que se restabelece a atmosfera de conflito entre uma parte que busca o ideal e a outra parte limitada pela finitude (representada pelo “tu”). O interlocutor, espécie de “eu outro”, revela as contradições dessa personalidade dúbia, questionando a afirmação “essência etérea”.

Atuando sobre a complexa personalidade do eu lírico ceciliano, o álcool estimula a reflexão sobre a sensação da amargura. A sondagem de tal sentimento dá acesso ao cerne da existência que, de sua parte, se apreende só pela obscuridade. Sorver o álcool é experiência que conduz à descida ao desconhecido de si mesmo. Em *Paraísos artificiais* Baudelaire reflete sobre o elo entre experiência metafísica e o consumo do vinho:

⁵ “[...] pergunte ao vento, à vaga, à estrela, ao pássaro, ao relógio; a tudo que foge, a tudo que geme, a tudo que rola, a tudo que canta, a tudo que fala, pergunte que hora é. E o vento, a vaga, a estrela, o pássaro, o relógio, lhe responderão, é hora de se embriagar.” (BAUDELAIRE, 1975, p.128, tradução nossa).

Le vin est semblable à l'homme: on ne saura jamais jusqu'à quel point on peut l'estimer et le mépriser, l'aimer et le haïr, ni de combien d'actions sublimes ou de forfaits monstrueux il est capable. Ne soyons donc pas plus cruels envers lui qu'envers nous-mêmes, et traitons-le comme notre égal. (BAUDELAIRE, 1966, p.168)⁶.

A construção “mas o vinho de que bebi,/com os meus olhos postos em ti,/era de total amargura” sugere o incômodo da experiência de constatar a própria natureza emergir da ilusão. Pelo fato de vir associada à amargura, a bebida estabelece correspondência com as inúmeras sensações que experimenta a natureza humana. Tratando o vinho como “igual”, o sujeito poético ceciliano desenvolve o diálogo com o interlocutor que, justamente, ao refletir-se no líquido, desencadeia a situação desconcertante. O termo “desgosto” sugere o desprezo pela porção “criatura”

Em Baudelaire o vinho tem extensão na estrela, no pássaro transportando o sujeito para o indefinível, para aquilo que se encontra acima dos “miasmas terrenos” (FRIEDRICH, 1978, p.47). A propriedade de ascensão evocada por esses objetos deve-se ao fato de que, previamente, o eu lírico baudelaireano percebe neles seu caráter simbólico, sua propriedade de evocar o mistério universal e de representar um “estado d'alma”. Como explica Álvaro Cardoso Gomes (1985, p.45, grifo do autor):

O poeta, por sua vez, é entendido não como criador, mas como “decifrador”, no sentido de que a realidade em si constitui espécie de poema, merecendo decifração. [...] Dessa perspectiva, ressalta-se o aspecto “natural” e/ou intuitivo do trabalho do poeta (que identifica a alma às “almas puras”), porque as “metáforas e epítetos são tomados das inesgotáveis reservas da *universal analogia*, e porque não podem ser colhidos em outro lugar”.⁷

O vinho, o vento, a vaga, a estrela referenciam o estado de espírito exaltado e extático do sujeito poético, representando-o, inclusive, como parte do mistério universal. Todos os elementos interdependem-se e encontram-se em correspondência.

⁶ “O vinho é semelhante ao homem: jamais se saberá até que ponto se pode estimá-lo ou desprezá-lo, amá-lo e odiá-lo, nem de quantas ações sublimes ou decontravenções monstruosas ele é capaz. Não sejamos então mais cruéis com ele que com nós mesmos, e tratemo-lo como nosso igual.” (BAUDELAIRE, 1966, p.168, tradução nossa).

⁷ Neste fragmento, os termos e as frases que apresentam aspas indicam a citação que Álvaro Cardoso Gomes faz de Baudelaire.

A escolha das combinações vocabulares produz um campo semântico que evoca a ideia do alçar, do alar-se, dentre elas: “pergunte ao vento”, “à estrela”, “ao pássaro”, “ao relógio”, “a tudo que foge”. Por sua vez, o estado de elevação fundamenta-se nas “escadas invisíveis” que o vinho galga rumo ao cérebro daquele que dele se embriaga, na execução de uma “dança suprema” (BAUDELAIRE, 1966, p.168). Assim, o vinho vem demonstrar a procura de uma idealidade promovida por elementos terrenos, uma vez que estado de êxtase se dá pelo consumo de algo pertencente ao mundo dos sentidos. Em outras palavras, a elevação é possível pelo contato com um estímulo inebriantemente mundano – como o “deus misterioso escondido nas fibras da vinha” (BAUDELAIRE, 1966, p. 167).

Em Cecília Meireles, os inebriantes efeitos do vinho incitam o eu lírico a expressar-se de forma complexa e não menos paradoxal. Em sua expressão, o contraste entre claro e escuro, alto e baixo, racional e instintivo são noções que remetem ao conceito de “apolíneo/dionisíaco”. Enquanto o apolíneo corresponde à razão, à luz (“Eu sou de essência etérea e clara”), o dionisíaco relaciona-se àquilo que rompe com o equilíbrio regido pela racionalidade, instituindo o caótico (“como que desapareci.../Rondo triste, à minha procura”). Ébrio com a deriva da própria natureza, é sob o paradoxo que o eu lírico ceciliano contempla a truncada relação de suas partes. O álcool possibilita um estado anímico extasiado, mas, concomitante a isso, o peso de submergir nos sorvedouros de uma existência controversa.

Em “*Enivrez-vous*”, assim como em “Vinho” é possível observar a noção de movimento regido pela verticalidade. Enquanto em Baudelaire o dinamismo se desenvolve para a ascendência, em Cecília Meireles a movimentação caracteriza-se pelo deslocamento descendente. Para eles, o dinamismo para um desses extremos é abrigo contra a coação do “mundo dado e imutável” (GIBSON, 1999, p.23). Reside no discurso a ação de transcender a fatuidade. O vinho torna suas apreensões subjetivas mais apuradas. O estado extático da embriaguez promove em Baudelaire o tom de elevação, ao passo que em Cecília Meireles a gravidade.

Certos termos exercem importância nuclear para a unidade semântica de um poema. Em “*Enivrez-vous*” a virtude tem em comum com o vinho e a poesia a propriedade de embriagar e, por conseguinte de extasiar. A virtude sustenta sua qualidade pelo fato de – assim como o vinho e a poesia – suscitar a largueza de significações que os objetos do mundo propõem. Tudo é “hieroglífico”, segundo Baudelaire. Despertar a capacidade de decifração dos símbolos que estão por toda parte consiste em contemplar seus enigmas e criar-lhes outros sentidos. A

embriaguez de vinho e de poesia tem, portanto, o mesmo propósito da virtude: estabelecer o elo com o que não se pode nem explicar, nem determinar.

Como afirmamos anteriormente, o termo “criatura” suscita o que não possui definição precisa, mas também, o que se associa à imperfeição, à incompletude. As existências incompletas são vulneráveis e, devido à sua fragilidade, subjugam-se aos ditames da exatidão cronológica. Nesse sentido a expressão “o desgosto de ser criatura” está em correspondência com “escravos martirizados do tempo”. Representados por essas analogias, o sujeito poético baudelairiano e ceciliano afligem-se com o veredicto da destruição chancelada pelo tempo.

À proporção da epifania, está o sentimento da angústia. O encontro entre a clareza e a obscuridade, isto é, das partes distintas da ambivalente personalidade do eu lírico ceciliano, resulta na loucura:

A taça foi brilhante e rara:
mas, com certeza, enlouqueci.
E desse vinho que bebi
originou minha loucura. (MEIRELES, 2001, p.262).

Contatar a porção imperfeita implica na desilusão, no desengano, uma vez que o sujeito poético verifica sua inaptidão por alcançar o anseio da perfeição. Sentenças que indicam esse ideal, tais como “Eu sou de essência etérea e clara”, “A taça foi brilhante e rara” são relativizadas por expressões que introduzem a ideia de obstáculo, de adversidade: “no entanto”, “mas, com certeza”. Por sua vez, a ascensão não realizada produz a melancolia, o *tedium vitae*, “não havendo neutralidade para o absurdo da existência” (SCLIAR, 2003, p.92). O sujeito poético baudelairiano aconselha o vinho como fonte de êxtase e elevação e o eu lírico ceciliano adentra nessa mesma via alcoólica. Contudo, ébrio, abisma-se em sua essência tão enigmática quanto indecifrável.

Considerações finais

A intenção desta leitura comparativa de “Vinho” e “*Enivrez-vous*” foi refletir sobre equivalências e distinções entre a produção de Cecília Meireles e Charles Baudelaire. Foram encontrados muitos elos, mas, um dos principais pontos de convergência relaciona-se à reação que ambos apresentam frente às convenções impostas pela realidade imediata que depõe contra qualquer evocação à poesia.

Em Cecília Meireles, tanto a embriaguez alcoólica, como a embriaguez produzida pela obscuridade e pela cisão da própria existência culminam no êxtase. O estado extático é resposta para as imposições do contingente e para o tempo institucionalizado – cronometrado segundo a unidirecionalidade, a destruição e a morte. Somada ao êxtase, a loucura advoga contra a sujeição às convenções, pois é adversa às regras vigentes: “E desse vinho que bebi/se originou minha loucura” (MEIRELES, 2001, p.262).

Em Baudelaire, o vinho, associado ao poder sugestivo dos elementos, também é fonte para o alcance do êxtase. Como fruto desse estado extático há o diálogo com o vento, com a vaga, com o pássaro e a possibilidade de transcender a efemeridade de uma existência subjugada pelos ditames da linearidade temporal – “para não ser escravos martirizados do tempo” (BAUDELAIRE, 1975, p.128). Distinto do êxtase de Cecília Meireles – estado anímico que impulsiona à descida para si mesmo numa verticalidade descendente – o êxtase baudelairiano conduz o eu lírico à ascensão, à cumplicidade com a volatilidade do vinho e com as existências inapreensíveis.

Em ambos, o discurso do eu lírico é caracterizado pela melancolia – mais intensificada e trágica em Cecília Meireles. A forte sensibilidade e o olhar imaginativo promulgam a ordem regida pela inventividade e pelo desejo de revelar o que existe por traz das informações aparentes. Portanto, a “moralidade do cotidiano”, o “estrito senso de obediência ao dever” (SCLIAR, 2003, p.92) não suprem as aspirações, ao contrário causam fastio e acídia.

Por meio do emprego do imperativo “Embriague-se”, o eu lírico baudelairiano apresenta um tom de conselho, isto é, de quem inicia ao decifrar dos enigmas suscitados por todos os objetos – desde os comuns até os grandiosos. Para tanto, o uso do vinho expande o estado de espírito que se põe aberto à epifania. De sua parte, o eu lírico ceciliano aceita os conselhos iniciáticos e rende-se às revelações da embriaguez. No instante em que o sujeito poético de Cecília Meireles toma conhecimento de sua condição indefinida e imperfeita, intensificam-se os questionamentos. O fato de ver-se refletido na bebida desencadeia fortemente o dilema metafísico. Proveniente de tal dilema, há o assombro diante da natureza fragmentária e vulnerável: a constatação de ser criatura. Concomitante a esse fato está o êxtase alcoólico que inspira o fascínio justamente pela ênfase dada à natureza contraditória.

A melancolia como impulso para contemplar o inapreensível de todas as coisas, a procura do êxtase e o esforço por eternizá-lo indicam como o sujeito poético ceciliano e baudelairiano estão irmanados na postura de transgredir a

coação advinda com os ventos mecanicistas da modernidade. A despeito de na esfera moderna não haver lugar para a imaginação, ambos persistem no canto. Ainda que não haja nem oportunidade nem tempo para as revelações do espírito, há a ânsia por compreender as correspondências entre os objetos. O ininterrupto êxtase poético está a um passo do primeiro trago. Embriagar-se é o mesmo que expandir, descobrir e reinventar.

Equivalents – Melancholy and Ecstasy in “Enivrez-vous” by Charles Baudelaire and “Vinho” by Cecília Meireles

ABSTRACT: *The Cecilian poetic persona, as well as the Baudelairean, enters a state of ecstasy as it expands its creative capacity. External data are at the service of inventiveness, since they are captured by the look of who deciphers and creates – the artist. The repudiation of the limiting and common vision and the presence of melancholy as a response to the reality devoid of any inspiration are common to both poems: “Vinho” and “Enivrez-vous” – respectively found in Viagem (1939) and Spleen de Paris (1869). The ecstasy is stimulated by a device: in the poems, wine introduces a natural and transfiguring apprehension of things. Under the influence of alcohol, the Cecilian and the Baudelairean poetic personas surrender to ruminations which reveal the complex nature of their individuality, which is crushed by melancholy and by the baffling concern over their existence. In proportion to their idiosyncrasies, both poetic personas develop deep reflections about time and existential questions and celebrate when having wine, a kind of paradoxical desperate lucidity. So as not to become “the martyred slaves of Time” (BAUDELAIRE, p. 128), the Baudelairean poetic persona suggests surrendering to the state of drunkenness, and the Cecilian poetic persona acquiesces in this advice by showing compliance with various psychic and soul conditions that the poetic ecstasy fuels.*

KEYWORDS: *Cecília Meireles. Charles Baudelaire. Drunkenness. Melancholy.*

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: M. Fontes, 1990.

BARTHES. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: _____. **Problemas de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. São Paulo: Pontes, 1991. p.277-283.

Equivalências – Melancolia e Êxtase em “*Enivrez-vous*” de Charles Baudelaire e “Vinho” de Cecília Meireles

BERARDINELLI, A. **Da poesia à prosa**. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007

BAUDELAIRE, C. **Les paradis artificiels**. Paris: Garnier Flammarion, 1966.

_____. **Le spleen de Paris**. Paris: Gallimard, 1975.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da lírica moderna**. Tradução do texto por Marise M. Curioni. Tradução das poesias por Dora F. da Silva São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FROMM, E. **A arte de amar**. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

GIBSON, M. **Simbolismo**. Lisboa: Taschen, 1999.

GOMES, Á. C. **A estética simbolista**. São Paulo: Cultrix, 1985.

GOUVEIA, M. M. **Cecília Meireles: Uma poética do eterno instante**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

MEIRELES, C. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Mar absoluto e outros poemas: retrato natural**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SCLIAR, M. **Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SCHOPENHAUER, A. **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Tradução de Jair Barboza. Revisão técnica de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WILSON, E. **O castelo de Axel**. Tradução de José Paulo Paes. Introdução Hugh Kenner. São Paulo: Cultrix, 2004.



